



inovamundi
inovamundi
inovamundi

O EVENTO DE CIÊNCIA
E INOVAÇÃO DA FEEVALE.

»»SPG

13^A
EDIÇÃO

SEMINÁRIO
DE
PÓS-
GRADUAÇÃO

ANAIS
v. 13, 2020

ISSN: 3558-4599



UNIVERSIDADE
FEEVALE

Inovação
para
transformar
o mundo.

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Universidade Feevale

SPG

Seminário de Pós-graduação

ANAIS
v. 13, 2020



Novo Hamburgo | Rio Grande do Sul | Brasil
2020

EXPEDIENTE

Presidente da Aspeur
Roberto Cardoso

Reitor da Universidade Feevale
Cleber Cristiano Prodanov

Pró-reitora de Ensino
Angelita Renck Gerhardt

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão
João Alcione Sganderla Figueiredo

Editora Feevale
Mauricio Barth (Coordenação)
Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)
Tífani Müller Schons (Design editorial)

A revisão textual, formatação e adequação às Normas ABNT são de responsabilidade dos autores e orientadores.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Universidade Feevale, RS, Brasil
Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

Seminário de Pós-Graduação (13. : 2020 : Novo Hamburgo, RS)
Anais [do] XIII Seminário de Pós-Graduação [recurso eletrônico] /
[Comissão geral de organização Agathe Juliane Erig Sebastiani] ... [et
al.]. – Novo Hamburgo : Universidade Feevale, 2020.
Dados eletrônicos (1 arquivo ; 43,2 magabytes).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de cesso: <http://www.feevale.br/hotsites/spg/apresentacao>
ISSN: 3558-4599

1. Pós-Graduação – Seminários – Brasil. 2. Ensino Superior –
Seminários – Novo Hamburgo, RS. I. Sebastiani, Agathe Juliane Erig
II. Título.

CDU 378(061.3)(81)

Universidade Feevale
Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 | Bairro Hamburgo Velho, Novo Hamburgo, RS - CEP 93510-235
Câmpus II: ERS-239, 2755 | Novo Hamburgo, RS - CEP 93525-075
Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500, Zona Industrial Norte, Campo Bom, RS - CEP 93700-000
Fone: (51) 3586.8800 - Homepage: www.feevale.br

© Editora Feevale - Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade Feevale. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO: CRIAÇÃO DE ESPAÇOS NAS ARTES CÊNICAS E MÚSICA

Autores: Rodrigo Sacco Teixeira (UFRGS)¹, Estela Kohlrausch (UFRGS)²
Orientadora: Suzane Weber da Silva (UFRGS)³

RESUMO: Este artigo foi elaborado com o objetivo de relatar a criação de espaços cênicos e musicais com participantes idosos e problematizar os processos de envelhecimento. Para este fim, contou-se com um grupo de autores relacionados ao envelhecimento e arte e apresentou-se relatos das experiências em artes cênicas e música. A criação teatral em audiodrama com grupos formados por participantes entre 65 e 93 anos se estabelece como um espaço de pesquisa e escuta que investiga a memória, as narrativas pessoais e a tecnologia como disparadores de trocas artísticas, afetivas e pedagógicas. Observa-se a busca pela participação em grupos musicais que ofereçam condições que se adaptem às realidades, alteradas devido às mudanças causadas pelos processos de envelhecimento. A presença das experiências dos idosos nas artes valoriza o conhecimento conquistado ao longo da vida e minimiza a invisibilidade.

Palavras-chave: Artes Cênicas. Envelhecimento. Espaços. Música.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de discussões realizadas pelos autores/artistas a partir da vivência compartilhada em disciplinas de mestrado cujos estudos em gerontologia crítica na contemporaneidade serviram de base para a correlação das experiências artísticas dos pesquisadores. Portanto, as conexões entre as áreas das artes cênicas e da música surgem através dos estudos de envelhecimento que perpassam as investigações empíricas dos autores.

O objetivo desta escrita consiste em relatar a criação de espaços cênicos e musicais, reais e virtuais, com participantes idosos e problematizar o processo de envelhecimento das pessoas envolvidas. Para a elaboração deste trabalho contamos com um grupo de autores relacionados ao envelhecimento e arte (WEBER, 2016; KING; CALSANTI, 2016; DOLL; RAMOS; BUAES, 2015; BOSI, 1994; BALTES E BALTES, 1990), descrevemos os relatos das experiências práticas e apresentamos algumas

¹ Técnico em comunicação Visual (IEI) e licenciado em Teatro (UFRGS). Atualmente cursa Mestrado em Artes Cênicas (PPGAC/UFRGS).

² Especialista em TIC-Edu (FURG) e Gestão Cultural (Senac), bacharel em Música (UFRGS) e licenciada em Música (UFSM). Atualmente cursa Mestrado em Educação (PPGEDU/UFRGS).

³ Professora do Departamento de Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

possibilidades resultantes.

O envelhecimento, no senso comum, está intimamente associado à passagem do tempo e à longevidade, no entanto ele pode ser percebido de modo diverso e complexo em processos que envolvem fatores sociais, culturais, biológicos, entre outros. A população mundial tem ficado envelhecida e a população idosa é bastante diversificada. O espectro etário da velhice é uma das variáveis que compõe essa diversidade e a longevidade “[...] representa uma conquista do campo social e da saúde. Por outro lado, apresenta-se como um desafio às demandas sociais e econômicas, sobretudo nos países em desenvolvimento” (DOLL; RAMOS; BUAES, 2015, p. 10). Existe uma carência de conhecimento da população em geral sobre o processo de envelhecimento e também de capacitação dos profissionais que trabalham com idosos, o que aumenta a desigualdade e a importância de criação de espaços.

Pensamos aqui o espaço como o lugar em que uma idosa, um idoso ou um grupo de idosos ocupam, seja este pessoal ou social, interior ou exterior, presencial ou virtual. O espaço que existe no encontro de corpos e sons, que reverbera nas trocas artísticas, afetivas e pedagógicas e que relaciona o presente e o passado. Apresentaremos relatos dos espaços criados a partir das nossas práticas artísticas, nas quais atuamos como mediadores e provocadores de criações a partir do interesse ou conhecimento prévio dos participantes.

De modo geral, a velocidade da globalização acelera as transformações dos sujeitos modernos, o que pode excluir ou marginalizar pessoas que não se encaixam nesse padrão (TOYAMA, 2017). Assim, o contraste do que se espera da velocidade do corpo ou da fala de um idoso pode assustar aqueles que negam o processo de envelhecimento como algo espontâneo e que, na contramão, buscam alternativas antienvelhecimento. As ciências médicas modernas e a indústria antienvelhecimento propõem aos idosos um discurso direcionado a negar a velhice e tentar detectar e reverter as disfunções relacionadas à idade (KING; CALSANTI, 2016). É possível viver ritmos no tempo que desviam da ordem do ciclo de vida, “nascer, viver, trabalhar, morrer”. Para uns esse desvio pode causar angústia, para outros é sinônimo de liberdade. As artes, com a combinação de diferentes tempos e espaços, podem auxiliar na percepção das potencialidades trazidas pela idade.

Tradicionalmente, as mudanças dos papéis sociais, como por exemplo a possibilidade da saída do mercado de trabalho acrescido às perdas nos grupos familiares e de amigos, são desafios da vida que as artes podem ajudar a encarar, pois trazem uma

visibilidade pouco apresentada na vida cotidiana. Valorizar os aspectos positivos do envelhecimento nas artes performativas parece ser um grande obstáculo no meio artístico: a experiência do corpo envelhecido é depreciada em relação ao corpo jovem e ágil, o que exclui um leque de possibilidades que esse corpo velho poderia ocupar. Espaços que permitem a apresentação dos idosos em artes, constituem-se em uma alternativa de empoderamento dos mesmos. O idoso que se apresenta não é mais invisível, ao menos enquanto durar a cena. Esse microespaço pode ser o prenúncio de uma geografia maior que permita uma visibilidade/presença constante.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento das atividades de artes cênicas e música, é importante entender o processo de envelhecimento como uma construção social, biológica e cultural. Nesse sentido, o desenvolvimento ao longo da vida (*Lifespan*) contribui para pensarmos o assunto, pois destaca a importância das condições e circunstâncias no desenvolvimento humano. Essa perspectiva apresenta “[...] o desenvolvimento a partir do indivíduo e do que é comum aos membros de determinada sociedade” (LIMA; COELHO, 2011, p.7). Durante o ciclo vital, o sujeito é influenciado por diferentes eventos (pessoais, sociais, políticos, históricos, econômicos, de saúde) e as pessoas precisam constantemente se adaptar e encontrar maneiras de equilibrar perdas e ganhos: isso caracteriza um envelhecimento bem-sucedido. O sucesso envolve, no processo de envelhecimento, fatores internos e externos, não sendo a velhice uma experiência passiva, mas uma forma diferente das fases anteriores da vida.

A satisfação e gerenciamento de perdas e ganhos no processo de envelhecimento pode ser explicada através da teoria desenvolvida pelos psicólogos alemães Paul e Margret Baltes (1990) na qual apresentam um modelo adaptativo composto de estratégias que as pessoas usam para lidar com as perdas e ganhos. A teoria “Seleção, Otimização e Compensação” (SOC)¹ tem como premissa que o envelhecimento bem-sucedido é um processo adaptativo que envolve estas três estratégias, utilizadas conforme circunstâncias sociais e pessoais (BALTES; BALTES, 1990). Um dos exemplos citados pelos autores

¹ A estratégia de seleção se refere a capacidade da pessoa se adaptar, tanto reduzir quanto se envolver em objetivos novos ou transformados. Otimização refere-se a estratégia de maximizar os cursos de vida em relação à quantidade e qualidade, enquanto a compensação, descreve a estratégia de adaptação referente a capacidades comportamentais específicas que são perdidas ou reduzidas, sendo adaptadas por meios tecnológicos e mentais.

(*ibid.*, p.26) é do pianista Arthur Rubinstein¹ que em entrevista à televisão contou que ao envelhecer ele reduziu o seu repertório (seleção), o pratica com mais frequência (otimização) e diminuiu a velocidade de tocar ampliando a impressão de velocidade nos movimentos rápidos (compensação). A professora e psicóloga Anita Neri, em seu artigo *Conceitos e teorias sobre o envelhecimento* (2013), destaca que a Teoria SOC foi inicialmente concebida para explicar a velhice bem-sucedida, contudo hoje é considerada útil à explicação da adaptação de pessoas de todas as idades. Seu foco consiste em explicar como as pessoas "[...] alocam e realocam seus recursos internos e externos tendo em vista a otimização de recursos e a compensação de perdas" (NERI, 2013, p.30).

Em seu artigo sobre os fundamentos e perspectivas do envelhecimento e educação, o professor e pesquisador Johannes Doll (2008) destaca três grandes áreas da gerontologia educacional: atividades educacionais com pessoas idosas, envelhecimento como tema da educação e a formação para trabalhar com envelhecimento. Para a discussão que apresentamos neste artigo destacamos as dimensões de lazer e a compensatória dentro das atividades com pessoas idosas (DOLL, 2008). O lazer está muitas vezes ligado ao aumento do tempo livre após alguns eventos como a saída do mundo de trabalho e a saída dos filhos de casa, que podem significar um certo vazio na vida. Este tempo pode ser preenchido por atividades educativas, mas esta alternativa é buscada por pessoas que já associavam lazer e prazer anteriormente (DOLL, 2007), o que ainda representa um grupo pequeno de idosos. A dimensão compensatória se refere à possibilidade que algumas pessoas têm de realizar sonhos que antes não puderam.

Em *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (1994) a psicóloga e professora brasileira Ecléa Bosi colabora fortemente no debate sobre memória e envelhecimento. Com base em reflexões estabelecidas a partir de entrevistas aprofundadas com idosos, Bosi reconstrói a história da cidade de São Paulo a partir da expressividade narrativa dos velhos. A autora aponta a tendência na qual a sociedade ocidental capitalista atua na rejeição do velho², privando-os de posições ativas, resignando-os a papéis de passividade:

A moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicadamente, mas firmemente dos postos de

¹ Arthur Rubinstein (1887-1982) foi um pianista virtuoso polonês considerado por muitos como o principal intérprete do repertório do século XX. Em 1919, ele conheceu Heitor Villa-Lobos e ajudou a promover as obras do compositor brasileiro em todo o mundo.

² A pandemia provocada pela COVID-19 acentua a tendência de rejeição aos idosos, um dos grupos considerados pela Organização Mundial da Saúde como mais vulnerável à doença. Para saber mais: DE SOUSA SANTOS, Boaventura. A cruel pedagogia do vírus. Almedina, 2020.

direção. A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. E o velho não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender. (BOSI, 1994, p.78)

Em sua obra, Bosi analisa dois pontos fundamentais: as lembranças como agentes narrativos da memória e o potencial de aprendizagens através das trocas entre gerações. Bosi (1994, p. 84) reflete: “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências”. Trabalhar com as memórias dos idosos é, antes de tudo, reafirmar a importância do idoso como ser social, valorizando cada indivíduo como único e auxiliando o grupo no processo de autovalorização e ressignificação da vida. É escutar o oprimido e entender os processos de opressão social que os trouxeram até ali. Valorizar e dar visibilidade a esse saber transmitido pela oralidade é também uma forma de evitar o apagamento da memória dos “mais velhos” e, conseqüentemente, da memória da sociedade (BOSI, 1994).

Em seu artigo *Em cena, senhoras, senhores: poesia do tempo no corpo* a professora, bailarina, atriz e pesquisadora Suzi Weber (2016) aponta que as artes são capazes de subverter e flexibilizar parte desses parâmetros - o corpo biológico e social, o coletivo e o individual, a eterna juventude e o envelhecimento desde o nascimento - bem como arejar certas representações sociais relacionadas às diferentes gerações e idade. A dança contemporânea, por exemplo, ainda é intensamente associada à juventude e à idealização do corpo e, sobretudo no mercado tradicional, as proezas físicas relacionadas aos corpos jovens são exaltadas (WEBER, 2016).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo traz relatos dos autores/artistas sobre suas experiências profissionais e acadêmicas para construção de espaços artísticos com os grupos que foram criados nas suas práticas. O relato de experiência descreve a experiência de uma vivência profissional que contribui para a discussão da área, apresenta desafios e pode indicar novos caminhos.

Os relatos demonstram a importância de dialogar os saberes da experiência com o conhecimento científico. O relato se organiza a partir da experiência pessoal, sendo singular, mas também apresenta aspectos culturais e históricos, sendo contextual. Dessa maneira permite produzir novas compreensões, com base na reflexão entre a situação vivida e a teoria: ser autor da sua prática. Essa reflexão é um comprometimento com o trabalho, pois a experiência é um valor no conhecimento prático.

Para a socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso as histórias de vida são um projeto de formação e construção de conhecimento. A pesquisa centrada na reflexão e formação a partir da narrativa de histórias de vida possui um poder formador em si que “[...] permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social” (JOSSO, 2007, p. 414). A narrativa tem papel importante na compreensão da vida dos professores e suas práticas, nos processos “[...] de se fazerem professores e pesquisadores, sujeitos que querem compreender o que lhes toca, o que lhes acontece e o que fazem acontecer” (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 40).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2018 e 2020 o ator e educador Rodrigo Teixeira orientou dois processos de criação teatral em audiodrama com grupos formados por participantes entre 65 e 93 anos. A primeira experiência foi realizada em Porto Alegre e as atividades coletivas sucederam-se ao longo de cinco encontros estruturados com base em: entrevistas compreensivas¹, jogos teatrais inspirados nas práticas do Teatro do Oprimido², a roteirização das histórias narradas pelos participantes em formato radioteatral e, por fim, o ensaio e gravação sonora das falas das personagens³.

Em 2020, articulou-se a segunda experiência intitulada *Experimento de convivência poética em tempos de pandemia*, com a participação de oito idosos, sendo quatro deficientes visuais⁴, ao longo de 10 encontros. Nesta experiência, seguiu-se a base metodológica da anterior, porém ocorreram adaptações em virtude dos encontros terem sido realizados de forma virtual, ocasionados pelos efeitos da pandemia da COVID-19. Esse cenário inusitado estimulou a busca por estratégias criativas que superassem o distanciamento social e aproximassem os corpos e as vozes - isolados nas suas respectivas residências. As potencialidades das ferramentas de comunicação como chamadas de

¹ Entrevista compreensiva é o procedimento cunhado por Jean Claude Kaufmann para humanizar a experiência da entrevista, inserindo o investigador em uma dupla posição: a de investigador e de próprio ator/sujeito.

² Para mais informações: BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Editora Record, 1998.

³ O resultado do processo de criação coletiva em audiodrama de 2018 pode ser escutado através deste link: <https://soundcloud.com/user90201961/todo-dia-e-natal>

⁴ O autor também investiga experiências teatrais com pessoas com deficiência visual e a intersecção entre teatro, acessibilidade e inclusão.

vídeo e gravações de áudio de WhatsApp se metamorfosearam na estética de criação teatral, as quais possibilitaram as práticas diante da precariedade de recursos técnicos e da impossibilidade da presença física em decorrência do afastamento social. Em suma, criou-se um espaço virtual de convívio e aprendizado que rompe as barreiras do distanciamento social compulsório, mas questiona a qualidade da presença nesse formato, expande as dimensões da pedagogia teatral e dilui estigmas de passividade e dependência na velhice.

O protagonismo, a socialização e a convivência, princípios primordiais que auxiliam na manutenção da identidade do idoso e na sua associação às temáticas contemporâneas, caminharam junto ao processo de criação. Como disparadores para a composição dos episódios de audiodrama, a memória pessoal e os relatos autobiográficos dos participantes atuaram como elementos chave. A impermanência e o fluxo por diferentes espaços e papéis foram característicos desse processo de criação. Quando narravam suas histórias de vida, eram autores de si; quando interpretavam a história narrada, convertida em ficção, eram atrizes/atores; e aqueles, interpretados pelas atrizes/atores, eram as personagens de quem quer que tenham sido no tempo.

Atualmente, o audiodrama se apresenta como uma linguagem sonora de expressão artística que se assemelha às peças radiofônicas tradicionais no Brasil “entre as décadas de 40 e 60 [quando] o rádio era o principal meio existente para divulgação da genuína cultura nacional” (SPRITZER; GRABAUSKA, 2002, p.17). Contudo, agora, está sob uma nova roupagem, principalmente no que se refere às plataformas digitais que agregam os conteúdos. As histórias em audiodrama criadas pelos participantes idosos afirmam espaços de escuta: um que é tangível à essência auditiva da linguagem e comunicação radiofônica; outro que é sensível ao ato de escutar os mais velhos.

As artes cênicas e a música são capazes de estimular mulheres e homens de qualquer idade a conectarem-se consigo e ao seu próprio processo de sentir. Essa conexão estimula que alcem a imaginação e inventem outros mundos possíveis, atravessando os limites instituídos no cotidiano. Dessa forma, cada experiência é individual, mas também alcança o dia-a-dia das pessoas e pode modificá-lo.

O fazer musical possui uma esfera individual de estudo e prática, e outra coletiva, na qual as individualidades são reunidas no mesmo fazer musical. Esse fazer coletivo é um grande desafio, pois envolve pessoas com objetivos em comum. Desde 2012, a musicista e educadora Estela Kohlrausch coordena, na cidade de Sapiranga - RS, um

desses espaços coletivos e voluntários: o Grupo Instrumental Ferrabraz¹. Atualmente, o grupo conta com 17 integrantes, com idades que variam de 13 a 86 anos, instrumentos diferentes (sopros, cordas e percussão) e conhecimento prévio em música heterogêneo. Essa variedade indica a necessidade de espaços que valorizem os conhecimentos e reconheçam as limitações. Por exemplo, se era possível tocar um baile (4 horas de pé), agora parece vantajoso tocar sentado em apresentações com até uma hora de duração. Essa vantagem também é percebida por quem iniciou o estudo há pouco e não tem um repertório tão vasto que possa ser tocado por tanto tempo: duas situações distintas que se complementam neste espaço.

A maneira que o grupo funciona e seus objetivos são frutos de uma construção coletiva. As atividades visam valorizar algumas características dessa construção: o repertório é variado e selecionado coletivamente; os ensaios são semanais e acontecem na casa de um dos integrantes; o foco do trabalho é voluntário e é realizado de maneira independente. Essas características vêm se consolidando a partir das experiências e podem ser alteradas. Durante a pandemia da COVID-19 os ensaios estão suspensos e os integrantes têm compartilhado entre si, virtualmente, as músicas do repertório.

O surgimento deste grupo teve origem na ocasião em que um pai, que estava aprendendo gaita, convidou sua filha, que estava concluindo o curso superior em música, para tocarem juntos. Assim, o grupo iniciou com duas características que são mantidas até hoje: a intergeracionalidade² e a diversidade de níveis técnicos e interpretativos. Para muitos grupos esses fatores são excludentes: a participação é vinculada à faixa etária ou a uma seleção que avalia a capacidade de executar determinados repertórios. Essas diferenças constituíram um grupo que preserva suas qualidades e minimiza suas limitações.

É comum nas apresentações ao público surgirem comentários como “a quantidade de gente no palco com cabelos brancos” e “uma orquestra de velhinhos” - o que confirma a expectativa social de passividade depositada sobre os velhos. Outro comentário frequente é: “vocês mereciam estar tocando em teatros, não em asilos”. Isso colabora com

¹ Para conhecer o trabalho, acesse: Facebook: <https://www.facebook.com/grupoinstrumentalferrabraz> e Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCkYW8ZWsaievPD9xZilgGOw>

² O termo intergeracional se refere à relação entre distintas gerações. No Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) é garantido a esse grupo etário o convívio com demais gerações e entende-se a participação deles como uma maneira de preservar a memória e identidades culturais. Para saber mais: KRUG, Rodrigo de Rosso *et al.* Programa intergeracional de estimulação cognitiva: Benefícios relatados por idosos e monitores participantes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, 2019.

a percepção de que a música instrumental tem um lugar e público específicos na visão dessas pessoas. Essas reações de surpresa demonstram que o espaço do fazer musical precisa incluir mais os idosos, pois sua presença ainda é vista como diferente e que apenas determinadas situações são percebidas como espaços musicais legitimados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas pelos autores/artistas organizou-se este artigo de modo a aproximar as experiências nas áreas das artes cênicas e da música através dos estudos de envelhecimento. Os relatos das criações de espaços cênicos e musicais com participantes idosos problematiza a representação social dos processos de envelhecimento e une a teoria à prática, ato fundamental para a formação docente e profissional.

Transformações decorrentes dos processos de envelhecimento podem ser percebidas no relato que expôs considerações sobre condições de apresentações musicais. Observa-se a busca pela participação em um grupo que ofereça as condições que melhor se adaptem à realidade pessoal, sendo esta uma das maneiras possíveis de enfrentar situações que se alteram devido às mudanças no envelhecimento. Os espaços artísticos que valorizam os conhecimentos e reconheçam as limitações são importantes. No processo de criação teatral em audiodrama no período da pandemia, percebeu-se que o distanciamento social, os limites tecnológicos e algumas características possivelmente excludentes (idade, deficiência visual) não impediram a realização da atividade. O espaço de escuta aproximou o presente e o passado e também proporcionou trocas artísticas, afetivas e pedagógicas.

Com a chegada da velhice ou da aposentadoria, o aumento do tempo livre pode denotar um vazio ou pode ser interpretado como a oportunidade de descobrir-se. Assim, as atividades de artes cênicas e musicais podem ressignificar essa etapa e compensar mudanças, expandindo os horizontes não só de quem participa, mas também de quem é afetado direta ou indiretamente. Essa rede inclui o público, amigos e familiares, que podem perceber na participação do outro um convite para desenvolver as suas habilidades iminentes. A presença dos idosos na música e no teatro abre espaços para que transformem suas vivências em arte coletiva e particular, evitando o apagamento dessa memória que é tanto individual quanto da própria sociedade. A participação nesses espaços configura novas perspectivas de pertencimento e criação de vínculos, tanto com os próprios pares, quanto com os educadores e demais participantes intergeracionais.

Observamos que o viés tradicional nas artes cênicas e música frequentemente distancia os artistas de acordo com suas gerações, afastando e excluindo pessoas idosas na ocupação de espaços artísticos. Este viés perpetua o discurso que associa juventude à habilidade física e ao vigor; e velhice ao declínio e à incapacidade. Todavia, conforme exposto nos relatos, acreditamos que o fazer teatral e musical podem ser desvinculados de uma perspectiva categórica e encarados como espaços de descoberta, convívio, lazer, protagonismo e, sobretudo, aprendizagem. Isso permite ao idoso empoderar-se, não só ocupar a cena e o espaço artístico, mas revitalizar seu dia a dia através de uma prática artística.

REFERÊNCIAS

- BALTES, Paul B.; BALTES, Margret M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. *In*: BALTES Paul B.; Baltes M.M., Eds., **Successful Aging: Perspectives from the Behavioral Sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990 v.1, n.1, p. 1-34. DOI:10.1017/CBO9780511665684.003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer. *In*: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2007. p. 109-124.
- DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento-fundamentos e perspectivas. **A terceira idade**, v. 19, n. 43, p. 7-26, 2008.
- DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. Apresentação da Seção Temática-Educação e Envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, 2015.
- JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.
- KING, Neil; CALSANTI, Toni. Empowering the old: critical gerontology and anti-aging in a global context. *In*: Baars, Jan; Dannefer, Dale; Phillipson, Chris; Walker, Alan (Eds.). **Aging, globalization and inequality: The new critical gerontology**. New York: Routledge, 2016. p. 139-157.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015.
- LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; COELHO, Vera Lúcia Decnop. A arte de envelhecer: um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, n. 1, p. 4-19, 2011.

NERI, Anita Liberasso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: Malloy-Diniz, L. F., Fuentes, D., & Cosenza, R. M. (orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**, Porto Alegre: Artmed, 17-42, 2013.

SPRITZER, Mirna; GRABAUSSKA, Raquel. **Bem lembrado**: histórias do radioteatro em Porto Alegre. Porto Alegre: AGE/Nova Prova, 2002.

TOMAYA, Kikuko. Old, weak, and invalid - Dance in inaction. *In*: Nakajima, Nanako; Brandstetter, Gabriele (Eds.) **The aging body in dance: a cross-cultural perspective**. New York: Routledge, 2017. p. 122-136.

WEBER, Suzi. Em cena, senhoras, senhores: poesia do tempo no corpo. **Teatro, ensino, teoria e prática**, Uberlândia, v.3, p. 53-69, 2016.